

O PERFIL DO ELEITOR

Indeciso

ANULAR O VOTO É PRÁTICA ANTIGA, INVENTADA PELOS ANARQUISTAS ITALIANOS NO INÍCIO DO SÉCULO. “MAS, NO BRASIL, QUEM ANULA A CÉDULA ELEITORAL TEM MENOS IDEOLOGIA E MAIS DESCRENÇA NA POLÍTICA”, EXPLICA MARCOS COIMBRA. SÃO TRÊS OS TIPOS DE ELEITORES QUE DEFENDEM O VOTO NULO: OS DESCRENTES, OS DESINTERESSADOS, QUE NÃO QUEREM SABER DO ASSUNTO; E OS INSEGUROS, QUE ACHAM A ELEIÇÃO IMPORTANTE, MAS SE ACHAM DESINFORMADOS PARA TOMAR A DECISÃO CERTA. QUANTO AOS INDECISOS, HÁ DOIS GRUPOS: OS QUE SE INTERESSAM, ESTÃO BUSCANDO DADOS, MAS AINDA NÃO ESCOLHERAM O CANDIDATO, E OS ALIENADOS — PESSOAS QUE NÃO ESTÃO INFORMADAS, OU POR NÃO QUERER OU POR NÃO TER ACESSO ÀS INFORMAÇÕES.

Adão só define voto em outubro

A indefinição tem acompanhado toda a vida do garimpeiro Adão Acácio Corrêa, de 36 anos. Morador do Oiapoque, cidade do Amapá na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, é conhecido entre os amigos por Paraná. Ele não tem idéia de quando conseguirá ter dinheiro no bolso novamente e nem sabe em quem vai votar para presidente.

No fim do ano passado, Paraná foi traído pelo sócio francês em um garimpo no Suriname e voltou ao Brasil com uma mão na frente e outra atrás. “Cheguei em Oiapoque completamente endividado. Não tenho idéia de quando conseguirei reequilibrar as contas”, lamenta.

Esse é o prazer de Paraná: desconhecer o dia de amanhã. Quando chegou na cidade do extremo norte brasileiro com a notícia de que não tinha mais dinheiro nem ouro, o garimpeiro Paraná perdeu até a mulher. “Não consigo fugir da febre do ouro, quero sempre tê-lo nas mãos”, conta.

Nos últimos dois anos, Paraná conseguiu resistir à tentação trabalhando na fazenda que possui no Amapá. A fazenda se foi para pagar as dívidas e o garimpeiro optou por voltar à exploração do ouro.

Atualmente, sem amor e sem dinheiro — e para não ser diferente —, Paraná também prefere esperar para definir seu voto mais perto do fim do ano. Na última eleição, para não se sentir irresponsável por votar em branco ou nulo, o garimpeiro preferiu votar em quem sabia ser perdedor: Enéas, candidato do Partido de Reedificação da Ordem Nacional, o Prona.

Paraná, quando define um candidato, procura nele sinceridade e sensibilidade. O presidente Fernando Henrique, para ele, não tem essas características. “Ele é muito diplomático, agrada e engana a todos”, comenta. (MCD)

Nem Lula nem Fernando Henrique: Josias pensa em anular o voto



Carlos Carvalho



Tande, que votou em Fernando Collor e no atual prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde, reconhece: “Escolhi errado várias vezes. Agora, estou preocupado”

Tande se arrepende das escolhas do passado

Ele surfa, é vocalista da banda de reggae Tafari Roots, joga capoeira no grupo Guanabara, estuda arquitetura na Faculdade Santa Úrsula e coleciona 250 orquídeas no quintal de sua casa na Barra da Tijuca. O carioca Tande, ou José Alexandre Gebara, 24 anos, ainda não decidiu em quem votar para presidente.

“Sempre votei na galera que ganhou”, lembra. “Acho que fui influenciado vendo meus pais votarem. E escolhi errado várias vezes.

Agora, estou preocupado”, explica.

Seus principais arrependimentos eleitorais atendem pelos nomes de Fernando Collor e Luiz Paulo Conde. O primeiro é um trauma por razões óbvias. O segundo, além de administrar o Rio de Janeiro de uma maneira que não vem agradando a Tande, fechou o Circo Voador, comprometendo o circuito musical da cidade. “Ali é a nossa casa, o melhor lugar para os músicos do Rio”, reclama.

As músicas da Tafari Roots misturam os ritmos e instrumentos do reggae com os da capoeira. “Nosso som, o reggae, a capoeira, tudo busca uma liberdade, uma mudança que a gente quer ver acontecer”, explica o carioca. “E acho que a mudança não depende só dos políticos, depende da gente.”

Tande está preocupado com a violência e a péssima distribuição de renda do país. Acha a política uma coisa delicada, mas da qual

não dá para fugir, sob a pena de tudo continuar igual.

No fim-de-semana, além de dar shows, surfar e jogar, Tande gosta de percorrer trilhas e cachoeiras. Os planos para o futuro misturam todas as atividades. “Estou gostando de arquitetura, a capoeira está começando a me dar algum dinheiro (é professor) e não pretendo largar a música.” Até outubro, garante, terá feito uma escolha consciente. (CG)

Josias está cansado de tantas promessas

Desempregado há dois meses, o zelador Josias Francisco de Almeida, 45 anos, ainda não decidiu quem será o seu candidato para presidente da República. “Vou deixar para fazer a opção no segundo turno”, diz Josias. Até lá, promete ficar de olho no desempenho dos candidatos durante a campanha para o primeiro turno. “Eles só sabem prometer. Mas, depois que

ganham a

eleição,

não cumprem nada. Até agora, todos me parecem muito ruins.”

Casado, pai de quatro filhos — com idades entre 10 e 17 anos —, a situação de Josias se complicou depois que ele perdeu o emprego como zelador de um edifício no Parque Dom Pedro. “Primeiro preciso arranjar trabalho para depois me mudar.”

O apartamento onde mora é do prédio e eu terei que sair logo. Eu ganhava R\$ 400 por mês, não pagava aluguel, e levava uma vida difícil. Imagine agora, sem ter fonte de renda?”, conta. “Só não estou numa pior porque meu filho mais velho trabalha e minha mulher ajuda no orçamento como diarista”.

Na sua opinião, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não conseguiu melhorar a vida de famílias de baixa renda. “Filho de pobre não tem boa educação, além de não ter segurança dentro da escola. Mas o pior mesmo é precisar de hospital público, onde as pessoas morrem pelos corredores”, afirma. O zelador também não pretende votar no candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, o Lula. “Não gosto do partido”, esclarece.

“Vou esperar para ver se aparece algum candidato melhor que os dois. Talvez vote em branco, talvez a melhor solução seja anular. Ainda não sei ao certo o que farei. Deixa eu ver quando chegar a hora”, pediu Josias. (RT)

VOTO NULO

Alexandre Gondim/Diário de Pernambuco



A cantora Selma do Coco sempre anulou o voto em todas as eleições

Selma, anarquista desde menina

Dona Selma do Coco tem 63 anos de rebeldia. Com quatro discos gravados, cantora do ritmo nordestino *coco de roda*, ela não sabe ler nem escrever, mas repete sem piedade o nome de seu candidato à Presidência: “Nenhum. Voto nulo sempre, para qualquer cargo, de vereador a presidente”.

Moradora da cidade de Olinda, em Pernambuco, ela conta que sua anarquia política começou quando ainda era menina. “Político nenhum nunca me deu nada, nem para mim, nem para minha família, por isso voto em mim mesma.”

Anula o voto, mas não confessa aos candidatos durante as campanhas. “Todos que passam por mim, bato no ombro, digo que vou votar nele e que ele vai ganhar. Saem satisfeitos”, diz a mulher que pariu 14 filhos, mas só criou um. “O resto morreu.”

A cantora, que nasceu pobre, até

hoje não tem conta no banco, mas já viajou até para a Alemanha fazendo show — veio também a Brasília — e já não tem problemas de dinheiro. Por cachê, cobra R\$ 5 mil.

“Para amigos, faço de graça. Preciso é me divertir”, ensina a artista, que já trabalhou na roça, foi doméstica, mas nunca deixou de cantar o coco, ritmo que tem mais de 300 anos e surgiu cantado pelos escravos na praia tomando caninha. “Aprendi com meu pai e meu avô. O coco está mudando, tem gente botando cavaquinho”, reclama.

O coco de dona Selma é legítimo, só tem ganzá, chocalho, tambadora (atabaque), e pandeiro. “Gente velha é cheia de mania. Não gosta de novidade”, explica a artista, moradora de uma casa humilde — a televisão é pequena, o som também. “Só esse ano tive dinheiro para fazer uma reforma”, explica. (ABM)